

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Luan Vinicius Bernardelli
(Organizador)



Luan Vinicius Bernardelli

(Organizador)

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

**Atena Editora
2019**

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E19	<p>A economia numa perspectiva interdisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Luan Vinicius Bernardelli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-505-1 DOI 10.22533/at.ed.051193007</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia. I. Bernardelli, Luan Vinicius. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 330</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A ciência econômica é marcada pelo estudo do funcionamento dos mercados, determinação das taxas de juros, câmbio, entre diversos outros aspectos que são relacionados aos aspectos gerais macroeconômicos e microeconômicos. Contudo, o estudo das ciências econômicas possui um forte caráter multidisciplinar, o que potencializa o impacto dos estudos econômicos na sociedade.

É fundamental compreender como os agentes se organizam economicamente e, de maneira constante, buscar aprimorar a qualidade de vida das pessoas. O estudo da economia tem como finalidade principal aumentar o bem-estar da sociedade, contudo, trata-se de um processo complexo que envolve uma série de fatores.

Dessa forma, a multidisciplinaridade tem muito a oferecer para o desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, para o entendimento das relações econômicas entre os seres humanos. Nesse sentido, no e-book “A economia numa Perspectiva Interdisciplinar”, apresenta-se artigos que contribuem para o estudo das ciências econômicas sob o enfoque multidisciplinar, abordando importantes temas sobre as atuais relações econômicas entre os agentes.

A complexidade dos agentes econômicos impossibilita a reprodução e o entendimento das relações econômicas por meio de uma ciência exata. Nesse sentido, a economia é estudada como uma ciência social, que deve ser constantemente testada e mensurada, a fim de se aprimorar o modo de organização social.

A organização deste livro não está pautada sob um critério único, dado a diversidade de temas e métodos que são apresentados. Neste livro, o leitor poderá contemplar 35 capítulos que debatem a economia numa perspectiva interdisciplinar. Os trabalhos abrangem diversas temáticas, como o desenvolvimento econômico sob o enfoque regional e territorial, a fim de mostrar a importância do espaço e da região nos estudos econômicos. Questões relacionadas ao comportamento do consumidor nos tempos atuais também podem ser apreciadas. Importantes conceitos sobre uma Economia Solidária, que se trata de uma temática de estudo em constante evolução no Brasil e possibilita o desenvolvimento de formas alternativas de geração de emprego e renda, principalmente para pessoas de baixa renda. Além disso, diversos outros textos discutem questões pertinentes no atual contexto econômico.

Neste livro também se encontram trabalhos sobre diversas regiões e estados brasileiros, evidenciando que, além de uma grande diversidade em relação aos temas e métodos, a ciência econômica sob caráter interdisciplinar está sendo investigada em todo território nacional e contribui com todas regiões do Brasil. Dessa forma, o leitor poderá contemplar estudos de pesquisadores de todo o país, de Universidades Estaduais, Federais, centros e instituto de pesquisa, entre outras importantes entidades contribuintes à ciência nacional.

Por fim, desejo que o leitor desfrute dos artigos apresentados nesta edição, ressaltando a importância do estudo das ciências econômicas sob caráter

interdisciplinar. Certamente, este livro dará suporte aos leitores para a compreensão da importância do estudo da economia e suas áreas correlatas.

Luan Vinicius Bernardelli,
Doutorando em Teoria Econômica pelo PCE/UEM

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (DO OESTE) DE SANTA CATARINA: ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Alyne Sehnem Juliano Luis Fossá Marcia Berti Fiorin	
DOI 10.22533/at.ed.0511930071	
CAPÍTULO 2	13
A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL	
Seonária Costa Santana Alane Amorim Barbosa Dias Cleudson Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0511930072	
CAPÍTULO 3	21
O PAPEL DO TERRITÓRIO NOS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS REDES SOLIDÁRIAS	
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza Auro Aparecido Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930073	
CAPÍTULO 4	33
A ECONOMIA PAULISTA ANTES DO CAFÉ: AGRICULTURA, COMÉRCIO E DINÂMICAS MERCANTIS NA REGIÃO DE “SERRA ACIMA” (C. 1800-C. 1820)	
Marco Volpini Micheli	
DOI 10.22533/at.ed.0511930074	
CAPÍTULO 5	60
CAFEICULTURA, URBANIZAÇÃO E CAPITALISMO: O CAMPO E A CIDADE NO SÉCULO XIX, JUIZ DE FORA-MG	
Felipe Marinho Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.0511930075	
CAPÍTULO 6	74
MODA, CULTURA E CONSUMO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	
Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri	
DOI 10.22533/at.ed.0511930076	
CAPÍTULO 7	87
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR E NOVAS PROCURAS: OS VALORES CULTURAIS DO QUEIJO MINAS ARTESANAL	
Lélis Maia de Brito Lidiane Nunes da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0511930077	

CAPÍTULO 8	99
COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE	
Juliana Abonizio	
Eveline Teixeira Baptistella	
DOI 10.22533/at.ed.0511930078	
CAPÍTULO 9	112
CONSUMO, BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA	
Telmara O. Benevides Campos	
Ricardo de Araújo Kalid	
Milton Ferreira da Silva Junior	
Maria Olímpia Batista de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930079	
CAPÍTULO 10	125
OS PASSATEMPOS DA VIAGEM: UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE CONSUMO NOS BRT DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	
Marília do Nascimento Silva	
Alcides Jairon Lacerda Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.05119300710	
CAPÍTULO 11	137
CONECTANDO AGRICULTURA – ALIMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO	
Caroline Conteratto	
Álvaro Sérgio Oliveira	
Daiane Thaise Oliveira Faoro	
Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300711	
CAPÍTULO 12	147
ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO COMO BASES PARA UMA NOVA CONDIÇÃO MATERIAL DA EXISTÊNCIA	
Yuri Rodrigues da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05119300712	
CAPÍTULO 13	159
DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM SOLIDÁRIA	
Gabriel Gualhanone Nemirovsky	
Édi Augusto Benini	
Elcio Gustavo Benini	
Eziel Gualberto de Oliveira	
Henrique Tahan Novaes	
Martina Nogueira Lima	
Raphael Camargo Penteadó	
Gustavo Henrique Petean	
DOI 10.22533/at.ed.05119300713	

CAPÍTULO 14	173
ECONOMIA SOLIDÁRIA, PRÁTICAS ESPACIAIS E TERRITÓRIOS DISSIDENTES EM RIO CLARO (SP)- BRASIL	
Auro Aparecido Mendes Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	
DOI 10.22533/at.ed.05119300714	
CAPÍTULO 15	182
EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PARCERIA POTENTE NA LUTA POLÍTICA	
Ana Elídia Torres	
DOI 10.22533/at.ed.05119300715	
CAPÍTULO 16	191
UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Lourença Santiago Ribeiro Diego Palma de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.05119300716	
CAPÍTULO 17	201
GERAÇÃO DE RENDA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA COM USUÁRIOS DE CAPS-AD II	
Gabriela Zanim Patrícia Tosta Soares Regina Célia Fiorati	
DOI 10.22533/at.ed.05119300717	
CAPÍTULO 18	213
CURSO FORMATIVO PARA O FORTALECIMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SAUDÁVEL EM RIBEIRÃO PRETO-SP	
Mariana Pantoni Santana Regina Célia Fiorati Perla Calil Pongeluppe Wadhy Rebehy Regina Yoneko Dakuzaku Carretta Daniel Yacoub Bellissimo Julia Terra Ribeiro do Vale Marta Cristiane Alves Pereira Rogério Cerávolo Calia José Luiz Bahia Patrícia Soares	
DOI 10.22533/at.ed.05119300718	
CAPÍTULO 19	222
ESTUDO DE CASO: IMPLANTAÇÃO DE UMA INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA UTFPR/ CÂMPUS DE APUCARANA	
Márcia Cristina Alves Marcelo Capre Dias	
DOI 10.22533/at.ed.05119300719	

CAPÍTULO 20	234
SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles Wesley Freire dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300720	
CAPÍTULO 21	246
O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS	
Raoni Fernandes Azerêdo Pedro Ivan Christoffoli Anelize de Souza Muller Campos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300721	
CAPÍTULO 22	258
ELEMENTOS PARA A DETERMINAÇÃO MATERIAL DO DIREITO NOS TEXTOS ECONÔMICOS TARDIOS DE MARX: O MOVIMENTO DO DIREITO NA VIA CLÁSSICA	
Lucas Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05119300722	
CAPÍTULO 23	278
FORMAS ESTATAIS E REGIMES DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	
Matheus de Araújo Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.05119300723	
CAPÍTULO 24	291
EVOLUÇÃO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA EXTRATIVA E INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2000 A 2011	
Luciane Rosa de Oliveira Bruna Márcia Machado Moraes Angélica Pott de Medeiros Reisoli Bender Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300724	
CAPÍTULO 25	311
MODELO DE GESTÃO PARA AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS MEDIANTE A APLICAÇÃO DE MÉTODO SWOT	
Caroline Conteratto Laura Possani Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300725	
CAPÍTULO 26	322
MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA	
José Maria Ferreira Costa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.05119300726	

CAPÍTULO 27	335
RELEVÂNCIA DA IMAGEM CORPORATIVA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UM ESTUDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300727	
CAPÍTULO 28	347
EBC: A CIDADANIA PERDIDA	
Valéria de Castro Fonseca Célia Maria Ladeira Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05119300728	
CAPÍTULO 29	358
A PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS (DES)ASSISTIDOS TRABALHADORES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS	
Arlete Candido Monteiro Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300729	
CAPÍTULO 30	372
IMPACTOS DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA DO CARVÃO MINERAL NA ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA	
Eduardo Netto Zanette Silvio Parodi Oliveira Camilo	
DOI 10.22533/at.ed.05119300730	
CAPÍTULO 31	395
VIVER ENTRE O MAR E A TERRA: UMA COMPARAÇÃO DO PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS PERSEGUIDOS PELO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO EM SALVADOR E CARTAGENA DAS ÍNDIAS XVI-XVII	
Jéssika de Souza Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.05119300731	
CAPÍTULO 32	415
OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Edilson Targino de Melo Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300732	
CAPÍTULO 33	425
RÁDIOS LIVRES E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MUDA	
Ricardo Franco Llanos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300733	
CAPÍTULO 34	438
GESTÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA EM UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI	
Tiago Santos Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.05119300734	

CAPÍTULO 35	449
<i>SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL</i>	
Flávio Gomes da Silva Lisboa	
Marilene Zazula Beatriz	
DOI 10.22533/at.ed.05119300735	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	460

COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE

Juliana Abonizio

Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea.
Cuiabá – MT

Eveline Teixeira Baptistella

Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Ciências Sociais, Aplicadas e da Linguagem, Curso de Jornalismo.
Tangará da Serra – MT

RESUMO: Neste artigo, previamente apresentado no VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo, propomos uma reflexão sobre as relações entre animais humanos e não-humanos a partir da articulação entre afeto e consumo, investigando como estes elementos contribuem para a delimitação da figura do animal como pessoa. Dentre os tipos de consumo que perpassam e constroem a relação entre tutor e pet, destacamos a comida como uma dimensão que, simultaneamente, aproxima e afasta as espécies. A fim de desvendar os sentidos do consumo da comida produzida e ofertada para animais de estimação que, cada vez mais, se parece com a humana, em termos nutricionais e em valores estéticos, analisamos dezenas de embalagens e publicidade de rações, petiscos, biscoitos e patês, além de observação em padarias especializadas em caninos e as

polêmicas nas redes sociais envolvendo a decisão de melhor alimentar o seu pet.

PALAVRAS-CHAVE: consumo; mercado pet; estudos animais; relações animais humanos e não humanos

PET'S FOOD: INTERESPECIE MESSMATE

ABSTRACT: In this article, previously presented at the VIII National Meeting of Consumer Studies, we think about the relationships between human and nonhuman animals based on the articulation between affection and consumption, investigating how these elements contribute to the construction of the figure of the animal as a person. Among the types of consumption that build the relationship between tutors and pet, we highlight food as a dimension that simultaneously brings together and withdraw species. In order to unveil the symbolic meaning of the consumption of food produced and offered for pets that increasingly resembles human, in nutritional terms and in aesthetic values, we analyze dozens of packages and advertising of rations, snacks, cookies and pâtés, besides observation in specialized bakeries in canines and the controversies in social networks involving the decision to better feed your pet.

KEYWORDS: consumption; pet market; animal studies; human and nonhuman animal relations

1 | INTRODUÇÃO

A convivência interespecífica é uma constante no planeta, no entanto, o modo como homens e animais tem convivido ao longo do tempo vem sofrendo inúmeras transformações, sejam motivadas por nossas descobertas científicas, por uma renovação das sensibilidades ou por redefinições do que se concebe como humanidade e animalidade.

Muitas das relações contemporâneas entre humanos e animais são mediadas por afeto, em especial ao que se refere a um animal designado não por suas características intrínsecas, mas pelo lugar que passa a ocupar no coração dos humanos com os quais convivem. Mais que um animal de companhia, o pet é alguém a quem se tem devoção e a ele se dispensam tempo e dinheiro. Assim, cria-se um mercado bastante específico, competidor e em franca expansão, destinado aos seus tutores. Neste trabalho, voltamos nossa atenção ao nicho do mercado voltado à alimentação dos pets.

Propomos uma reflexão sobre as relações entre animais e humanos a partir da articulação entre afeto e consumo, investigando como estes elementos contribuem para a delimitação da figura do animal como pessoa, muitas vezes considerada membro da família, que recebe um tratamento diferente daquele dispensado a outros animais. Dentre os tipos de consumo que perpassam e constroem a relação entre tutor e pet, destacamos a comida como uma dimensão que, simultaneamente, aproxima e afasta as espécies.

Enquanto estratégia de construção de dados empíricos, analisamos a publicidade de comidas para animais e casas do ramo; já do ponto de vista teórico-metodológico, construímos uma reflexão interdisciplinar embasada nos preceitos da sociologia da vida cotidiana, estudos do consumo, etologia cognitiva, estudos animais e antropologia.

Considerando a presença do animal de estimação nos lares humanos e o próprio sentimento que separa esses animais de outros animais -notadamente a estima de seus tutores para com eles -, começamos a nos questionar sobre o local ocupado pelos animais, supondo-o mutável, na vida cotidiana, que pode, simultaneamente, reproduzir determinadas estruturas sociais e colocar outras em xeque, uma vez que o cotidiano é território de monotonia e repetição e também sujeito às rupturas.

Recentemente, assistimos a transformação da atribuição de status aos animais baseada nas descobertas da etologia cognitiva e da neurociência e as mudanças na esfera do direito que redimensionam os animais, inserindo-os na esfera moral, normatizando os comportamentos dos humanos para com eles. Ferry (2009) aponta a mudança de rumo, avaliando uma onda de ressurgimento do sentimento de compaixão pelos seres naturais que estenderia a consideração e o direito ao bem-estar inclusive a elementos outrora vistos apenas como “recursos”, entre eles as plantas.

Tais alterações, sem dúvida, reverberam na vida de todo dia, que constitui o locus através do qual nos dedicamos a compreender a relação entre tutores e pets mediada pelo consumo alimentar. A sociologia da vida cotidiana traz elementos importantes para esta análise, uma vez que tem um caráter eminentemente qualitativo e utiliza a subjetividade como matéria prima para compreender como as pessoas agem e porque o fazem do modo que fazem, sabendo, contudo, que os comportamentos não podem ser separáveis dos contextos de interação em que são produzidos, o que torna necessário rever a noção de contexto e tentar conjugar as mútuas influências entre contextos vivenciais e contextos sociológicos a fim de entender o cotidiano como significante flutuante do real-social, ou, como diz Pais: “ver a sociedade a nível dos indivíduos e ver como a sociedade se traduz na vida deles”. (2003, p.18).

Segundo Pais (2003), a proposta de estranhar o que se tornou usual é um ponto de partida para a interrogação sociológica. Assim, indagamos: Quais sentimentos se camuflam no interior da compra de um petisco? Que tipo de relação familiar interespecies é estabelecida no momento em que se escolhe esta ou aquela dieta para o pet? Quais emoções presentes neste relacionamento são mediadas pelo consumo?

Os estudos de consumo têm demonstrado uma importância da ação de consumo na constituição de identidade, na construção de cidadania, na veiculação de opções éticas, no fortalecimento de laços por meio do pertencimento estético, na atribuição de sentido ao mundo e consideramos que, através da ótica do consumo, será possível desvendar a relação afetiva entre tutor e pet e a ressignificação dos estatutos de animalidade e humanidade,.

A ideia do animal de estimação como motor do consumo pode suscitar duas reflexões bastante distintas. Por um lado, ao se pensar que um bicho leva seu tutor a consumir, é possível verificar a agência do animal, que interfere na vida do humano com quem convive. Por outro viés, o fato de ser o dono que faz as escolhas de consumo do pet não reforçaria a posição subalterna do animal? Os referenciais dos estudos animais e da etologia cognitiva ajudam a compreender esse movimento de reexame das fronteiras entre espécies, uma vez que trabalham justamente com uma perspectiva que desloca o animal da periferia da pesquisa, passando de ferramentas para sujeitos da produção do conhecimento.

2 | DOMESTICAÇÃO DE CÃES E GATOS E O FENÔMENO PET

Se a tendência a colocar o bem-estar humano em primeiro lugar faz com que estejamos entrando na sexta extinção em massa (KOLBERT, 2015), existe um tipo de animal que parece viver um momento diametralmente oposto, ganhando uma proteção cada vez maior: ele não é definido por filo, classe ou ordem, sua conformação física não faz diferença, ele pode ter patas ou nadadeiras, pelos ou plumas, até mesmo escamas. O que garante a este bicho um lugar especial numa sociedade cada vez

mais hostil é o elo que foi capaz de estabelecer com um determinado humano. Ser amado por um humano é uma condição que esconde contradições, mas oferece um grau de conforto e segurança que poucas espécies desfrutam.

Para estes bichos, está se popularizando um termo especial: pet. “São animais criados para o convívio com os seres humanos por razões afetivas, gerando uma relação benéfica.” (BRASIL, 2012). Dentre estes espécimes, notadamente cães e gatos conseguiram um espaço maior no círculo familiar humano. Somente no Brasil, são 52 milhões de caninos e 22,1 milhões de felinos tutelados por humanos.

Para Pais (2006), seu grau de inserção social é tão grande que estão passando por um processo de antropomorfização e chegam até mesmo a colocar seus tutores em uma situação de subserviência.

Mais do que hóspedes, estes bichos ganharam o posto de filhos - pelo menos é assim que a maioria dos tutores referem-se a eles, chegando a casos em que afirmam que o amor ofertado pelos animais de estimação é de qualidade superior inclusive à daquele que recebem de humanos. (BAPTISTELLA, 2019).

Não por acaso, o Governo Federal criou uma câmara setorial voltada apenas para o mercado Pet, que congrega diversos tipos de fornecedores de insumos para animais de estimação. Um segmento que vai das necessárias vacinas a supérfluos como coleiras incrustadas. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, o segmento movimentou R\$ 20,3 bilhões apenas 2017. (ABINPET, 2018, p.1).

Como duas espécies tão diferentes do ser humano alcançaram um posto tão privilegiado na vida familiar contemporânea? Segundo Hobgood-Oster (2014), há evidências que remontam à convivência harmônica entre homens e proto-cachorros até a última Era do Gelo, que teve início há 26.500 anos. Apesar de lobos e humanos representarem ameaças uns aos outros, estes dois animais acabaram reunindo motivos para se unirem e ambos encontraram vantagens na vida em conjunto. Os lobos mais predispostos a socializar com outras espécies se beneficiariam do excedente alimentar dos agrupamentos humanos e, em troca, teriam oferecido apoio para localizar e acuar presas, bem como se tornaram um sistema de segurança rudimentar, ao sinalizarem a aproximação de estranhos por meio de latidos. (HARE, WOODS, 2012).

Para Hare e Woods (2012), os cães não foram domesticados pelos humanos. Pelo contrário, eles aprenderam a se comunicar com as pessoas e estabeleceram padrões de comportamento interessantes para ambos. Neste ponto de vista, teria sido a própria seleção natural que privilegiou o desenvolvimento de cães cada vez mais amistosos ao homem.

A tese da autodomesticação também é aceita para os gatos, mas os termos da sua cooperação com humanos ainda são nebulosos. A proliferação dos ratos no entorno das comunidades humanas é aceita como um componente fundamental dessa aproximação, mas não o único. (DRISCOLL, 2016, p.1).

Em ambos os casos, as raízes desta relação repousam especialmente na comida, uma instância que também delinea os tipos de laços estabelecidos e é usada, muitas vezes, como declaração de afetividade, uma vez que oferecer um alimento considerado “bom” para o animal de estimação é uma maneira de mostrar o cuidado e o carinho a que se tem para com o animal.

3 | CONSUMO, COMIDA E AFETO

Para Pollan (2007), os onívoros passam por um dilema ao escolher sua alimentação. Os humanos seriam poupados desse dilema, pois contavam com a cultura que auxiliava a decisão de consumo alimentar. Contudo, atualmente, o autor afirma que os humanos atualizaram a experiência de viver esse dilema diante da imensa oferta de produtos e da ignorância de seus ingredientes. No caso dos animais de estimação, são os tutores que passam pelo dilema dos seus animais.

O tutor passa por duas escolhas: a decisão de escolher como se alimentar diante de uma pluralidade, que por vezes gera antagonismos, de crenças nutricionais e a decisão de como alimentar seu animal. Ambas as decisões seriam geridas pelos mesmos princípios? Quais critérios falariam mais alto: a nutrição? A funcionalidade? A estética? O gosto?

Para Romanelli (2006), estudar objetos que envolvem a cozinha é importante por trazer a reflexão sobre a relação entre o natural e o cultural, sendo o ato de se alimentar situado entre ambas as dimensões. A isso acrescentamos a alimentação pet, pois os animais, na convivência com humanos, fazem parte da cultura e esta atua sobre seus corpos, de forma que a alimentação desses animais não pode ser vista estritamente como biológica. Aquilo que comemos tem mais sentido simbólico que determinações biológicas e mesmo os “bens que servem às necessidades físicas – comida ou bebida – não são menos portadores de significado do que a dança ou a poesia.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p.120). Diante disso, podemos refletir sobre qual o significado de cozinhar para o pet ou oferecer-lhe somente produtos industrializados? A forma de osso dos biscoitos realmente importa? Para quem?

Com essas indagações, passamos a refletir sobre aspectos da cultura alimentar da contemporaneidade e percebemos que os pets, inseridos nas casas e camas dos seus donos, encontraram também um lugar à mesa e, dessa forma, sua alimentação tem seguindo alguns imperativos da alimentação humana, que destacamos: a) a entrada no universo light e diet; b) a gourmetização; c) a dieta eticamente orientada.

4 | COMIDA DE BICHO: FUNCIONAIS, GOURMET E MORALMENTE ORIENTADOS

Levando em conta questões meramente fisiológicas, Jorge (2014) lembra que os cães fazem parte da ordem mamífera carnívora, mas sua dieta é bastante variada: o consumo exclusivo de carne não é uma regra e muitos integrantes deste

grupo taxonômico comem também vegetais. Inclusive, não há consenso científico sobre o tipo de alimento que lhes seria mais adequado. Carciofi (2006) afirma que os cães precisam de altos níveis proteicos em suas dietas. No entanto, eles são considerados onívoros por muitos e ainda há debates sobre qual tipo de proteína seria mais adequado a eles: animal ou vegetal.

Conforme Sahd (2015, p.91), tanto a dieta de rações industrializadas quanto uma dieta natural com alimentos caseiros podem trazer efeitos adversos para a saúde dos cães. A primeira pode provocar cálculo renal e contém compostos cancerígenos enquanto a segunda pode levar à obesidade e tem risco aumentado de deterioração e contaminação.

Para os donos, ficaria o peso de escolher qual alternativa considerada mais segura para o seu ente querido, levando em conta, talvez, o que lhe faria menos mal, já que todas as opções oferecem riscos. Soma-se a esta questão o fato de que homens e cães são biologicamente diferentes:

o próprio Conselho Federal de medicina Veterinária costuma se posicionar contra a prática da alimentação caseira, porque uma alimentação balanceada para cães (carnívoros, com tendências onívoras) não é o mesmo que uma alimentação balanceada para nós (completamente onívoros). (SAHD, 2015, p.92).

No entanto, não são apenas as necessidades ou conformações biológicas que entram nesta análise. Voltamos então à questão do gosto como fator da decisão de consumo. O que o animal gosta – e o dono também – deve ser consumido, mas, deve ser consumido principalmente aquilo que ele necessita. Neste caso, em específico, o gosto é inferior à necessidade como fator de decisão. Mas, em se tratando de consumo humano, o gosto – aquilo que não se discute – é fator preponderante e revelador de autonomia, uma vez que, como diz Campbell (2006), ninguém pode mudar o gosto de alguém através de argumentos racionais e o consumo contemporâneo volta-se cada vez menos para a satisfação de necessidades e cada vez mais para satisfação de vontades.

Aos cães e gatos devem ser dados aquilo que eles gostam, aquilo que eles precisam ou aquilo que não contraria a ética de seus tutores? É o dono ou tutor quem paga as contas e quem decide pelo consumo de seu animal, consumo aqui pensado não no sentido de aquisição mercadológica. Em suma: o cão ou gato não decidem o que comem, é o dono quem o faz e, portanto, é sobre ele que recai a responsabilidade pelo consumo correto ou nocivo daqueles que muitos costumam afirmar que tratam como filhos de quatro patas.

4.1 Alimentos funcionais, light, diet e orgânicos

Em Digard (1999) vemos que os animais tem um estatuto familiar que, segundo o autor, caracteriza o atual sistema domesticatório. Com esse estatuto, os animais de estimação são submetidos a um tratamento maternal, visto pelo autor como uma forma feminina de adestramento através do afeto que se manifesta em uma hipernutrição desses animais, dentre outros cuidados, que podem inclusive lhes ser nocivos. Para Ingold (2000), a “filhotização” dos animais manifesta essa maternagem referente aos cuidados, cada vez mais ampliados, em termos de recursos e técnicas e mais humanizados.

Não muito diferente do que acontece com crianças que se alimentam mal, a culpa é de quem carrega a carteira e é – ou deveria ser – a autoridade na compra e na decisão de consumo dos menores tutelados. Com cães e gatos a situação se repete: é o dono ou tutor o responsável pela alimentação adequada e deve, tanto quanto no caso dos humanos menores estimados, – consultar os especialistas, sejam eles, neste caso, os veterinários ou os fabricantes de ração. Além das rações especiais, vemos crescer a prática de cozinhar para os filhos e filhotes. Ambos, crianças e bichos, devem ser alimentados por uma comida mais natural, caseira, sem conservantes, tendência que se manifesta através de “uma indústria de rápido florescimento de livros de receitas para cães e gatos”. (KULIK, 2009, p.500).

Tal qual cresce a obesidade humana e a infantil, cresce a obesidade dos pets e para Kulik (2009), a obesidade pode ser interpretada como uma dissolução da fronteira entre espécies. O autor ressalta que os casos de obesidade de animais de estimação tornaram-se um problema social. No entanto, as estatísticas, bastante alarmantes, veiculadas pela mídia podem ocultar razões econômicas que aqueceram o mercado dirigido ao pet usando de dois argumentos fundamentais: razões científicas, ainda que duvidosas, e as novas sensibilidades emergentes:

A principal razão pela qual as estatísticas variam tanto é que seu pedigree científico é vago; e a razão para isto é que todas as estatísticas sobre a obesidade de animais de estimação derivam de estudos patrocinados ou conduzidos pela indústria de alimentos para animais de estimação. Ora, essa indústria é uma invenção razoavelmente recente. Ela não existia até o final da segunda metade do século XIX. (KULIK, 2009, p.486).

Atualmente, as marcas de ração apostam nos subsegmentos desse mercado, assim vemos, nas prateleiras de Pet Shops produtos destinados a filhotes e adultos, apropriados para raças de pequeno, médio ou grande porte, castrados, alérgicos, com distúrbios renais e para cães com paladares exigentes – a marca Tutano, por exemplo, oferece uma ração para cães sensíveis, que promete diminuir o risco de alergias. A publicidade, por sua vez, anuncia rações recomendadas por criadores e especialistas, além de escolhidas pelos próprios animais em uma encenação de teste cego.

Um segmento importante da indústria de alimentos para animais de estimação é o chamado Premium ou especial. São as comidas de etapas da vida, que possuem fórmula especial para animais novos ou “seniores”, e também as comidas dietéticas. Estes produtos chegam a custar o dobro dos normais, mas isto não impede que os donos as comprem, pelo contrário, comida Premium para animais de estimação é o mercado que mais rápido cresce nessa indústria. (Kulik, 2009, p.486-487).

Tais quais os produtos destinados a humanos, os produtos rotulados com selos diet e light trazem um diferencial de classe: são, sem dúvida mais caros e “todos nós sabemos que a obesidade, no mundo ocidental pelo menos, é predominante entre pessoas mais pobres”. (KULIK, 2009, p. 496). Ao consultar o site PetLove que vende produtos destinados a animais, comparamos os pacotes de rações caninas: um pacote de ração Pedigree de 20 quilos, um pacote de 15 quilos da ração Golden adultos especial, um pacote de 10 quilos da ração Royal Canin para tratamento de obesidade. A primeira tinha um custo de 8 reais e 19 centavos por quilo, a segunda custava 6 reais e 84 centavos por quilo, a terceira requeria um investimento de 27 reais e 72 centavos por quilo.

Segundo Silva (2012, p.216), “a cultura fitness revela um fascínio sobre belos corpos e, ao elegê-los como símbolos da saúde - expressão máxima do autocontrole, da disciplina e do empenho -, posiciona a margem aqueles outros não tão belos, não tão magros e não tão jovens”. A alimentação, aliada aos exercícios, são fundamentais na cultura fitness, uma vez que são os elementos que permitirão construir o corpo desejado. E os animais são inseridos nessa ordem.

Não apenas eles são humanizados por meio de práticas de consumo e indulgência que tipifica os sujeitos do capitalismo tardio como, de forma crucial, eles são também humanizados por se tornarem simultaneamente enredados naquela grande assembleia sujeitadora conhecida como a indústria da saúde-beleza-bona forma, que segura todos nós, os humanos, firmemente em sua garra e a cujo olhar fixo de desaprovação todos nós inevitavelmente nos ajustamos. (KULIK, 2009, p.501).

Uma das rações específicas para tratamento de obesidade em gatos vem com a indicação específica: para gatos em ambientes internos. Essa indicação significa que gatos que vivem presos em casas e apartamentos tem pouca atividade física e podem se tornar obesos. A indicação para o sedentarismo praticamente imposto ao bicho é a restrição de calorias. Além disso, o benefício para os humanos também é critério de persuasão: a ração diminui odores de fezes. Uma indicação especista, pois não há, em se tratando de comida humana, nenhuma publicidade que defenda a diminuição dos odores das fezes.

4.2 Padaria e livro de receita

O crescimento do nicho gourmet no mundo contemporâneo evidencia determinadas práticas hedonistas e de refinamento que servem como símbolos de status, mas também como possibilidade de ter determinadas experiências, o que

caracteriza o consumidor hipermoderno, mais afeito a experimentação que à exibição, segundo Lipovestky (2007). O tutor parece dar ao seu pet ao estatuto de consumidor hipermoderno, promovendo a ele as possibilidades de experiência gastronômicas.

Segundo Ofray (1999), é preciso algumas qualidades para a prática hedonista, tais como profundidade, escolha, reflexão e sensualidade. Cães têm essas qualidades? O que significa a oferta de sonhos, panetões, bolos de carne em embalagens cuidadosamente preparadas e com confeitaria esteticamente sofisticada? Para entender um pouco desse fenômeno, analisamos a Dog Bakery, a primeira padaria do Brasil, aberta em 2001, especializada no público canino. O proprietário, Naelson Santos, concedeu uma entrevista à Revista Meu Pet.

Segundo o entrevistado, os ingredientes dos quitutes são específicos, pois os cães “não podem comer de tudo. Por exemplo, usamos farinhas e essências sob controle e não utilizamos conservantes nem açúcar, porque são prejudiciais à saúde deles.” Curiosamente, podemos perguntar se conservantes e açúcar também não prejudicam os humanos e as padarias humanas abusam desses ingredientes. Acerca da reação de donos e cães na padaria, Naelson explica que os cães “ficam loucos, farejam muito e, se a gente deixar, querem provar tudo. Outros são mais desconfiados, mas, quando oferecemos um salgado ou um doce para degustação, eles rapidamente se rendem.” A ideia de um cão experimentar a comida, degusta-la, certamente aproxima a espécie da humana, especialmente porque o comportamento convencional de um cão diante de um alimento que gosta muito é consumi-lo imediatamente.

Os donos, por sua vez, também acabam pedindo para provar, mesmo não sendo sabores típicos às convenções de paladar humano. No entanto, em se tratando desse tipo de consumo, o proprietário desfecha: “Algumas pessoas não gostam, mas quem decide, no fim das contas, é o cão.” Neste ponto, volta-se a dimensão do gosto na decisão de consumo e do gosto, não do dono, mas do cão, ainda que, por vezes, os paladares humanos sirvam como referência, uma vez que é frequente os donos experimentarem os petiscos dos pets, inserindo os mesmos na dimensão cultural que caracteriza a construção social do gosto.

No entanto, esse gosto não é completamente livre de outros determinantes, uma vez que a saúde é um capital altamente valorizado no mundo hipermoderno. (Lipovestky, 2007). Assim, o prazer de comer, com olhos e boca, ao estilo gourmet, une-se a preocupação com alimentação saudável.

Na descrição do site de outra empresa do ramo a Pupcake Dog Bakery, que só tem loja virtual, consta:

Pupcake Dog Bakery - Padaria e Festas para Cachorros Comemore o aniversário do seu cachorro com bolo, biscoitos, lembrancinhas, petiscos e muita festa! Alimentação natural, funcional e saudável para cães e humanos. Enviamos para todo o Brasil. Produtos feitos com ingredientes naturais, frutas e legumes frescos e farinha integral orgânica. Adoçados com mel, sem açúcar, sem corantes e sem

conservantes.

Dentre os produtos ofertados, biscoitos, bolos, muffins e marmitinhas personalizadas produzidas para serem “lebrancinha” de aniversário:

Uma linda e deliciosa lembrancinha para os cães da festa! São 50 gramas de biscoito de aveia e mel envoltos em papel colorido, dentro de uma marmitinha de alumínio. A tampa é personalizada com a foto do seu cãozinho. Em três formatos diferentes, escolha o que mais combina com a festa! Todos os produtos são adoçados com mel, sem adição de açúcar, sódio, corantes, conservantes e ração animal. Saudáveis, funcionais e feitos com ingredientes naturais, podem ser consumidos por toda a família!

Ressaltamos que a comida servida na “marmitinha” não contém ração animal embora seja feita pensando nos animais e principalmente, destacamos que os biscoitos “podem ser consumidos por toda a família”, o que dimensiona, através da comensalidade, a constituição da família multiespécie como uma das características da cultura contemporânea. Cães não comem mais sobras humanas, mas seus tutores podem comer – e mesmo gostar – dos biscoitos que eles já não quiserem mais.

4.3 Veganismo

Outro produto destinado a pets que chamou nossa atenção é a ração vegetal. No Brasil, a Fridog é a única ração vegetal para cães, sem “ovos, leite, carnes ou vísceras de animais, inclusive peixe e derivados” e é “enriquecida com Ômega 3 e Ômega 6 (proveniente de fontes vegetais), garante saúde à pele, pelos sedosos e brilhantes.”

O veganismo, enquanto estilo de vida ou ativismo, encontra na abolição do consumo de produtos que tenham gerado dor ou morte a animais. Em termos dietéticos, isso significa a adoção de uma alimentação estritamente vegetal, o que independe de crenças nutricionais, uma vez que essa decisão de consumo é baseada em critérios éticos. Mas, se veganos podem tutelar animais, o que lhes oferecer como alimento? Veganos enfrentam a decisão entre comprar carne (in natura ou em forma de ração) para seu cachorro ou gato ou impor aos mesmos uma dieta vegana baseada em valores morais.

Singer (2010, p.110) afirma que o especismo “(...) é o preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras”. Este argumento leva em conta as inúmeras práticas cotidianas que geram dolo aos animais, geralmente, tendo como única finalidade o prazer humano – entre elas alimentação e diversão. No entanto, não seria possível estender este conceito e refletir se a imposição de uma escolha moral humana a um animal de estimação não provocaria, também, uma situação de atitude tendenciosa que contraria o interesse da espécie em questão? Uma vez mais, assistimos a inserção dos animais na esfera moral da sociedade, no caso, quando é um fundamento moral

– ainda que imposto – que vai determinar sua dieta, cada vez mais distante dos determinantes biológicos.

5 | CONCLUSÕES

O estudo da alimentação do ponto de vista cultural tem abordado os animais não humanos, na maioria das vezes, tão somente quando são transformados em produtos para alimentação humana. No entanto, assistimos a transformação da alimentação dos animais que convivem com humanos a partir de vários elementos sociais, econômicos e culturais que trazem à tona a necessidade de analisar os símbolos e sentidos ocultos na comida ofertada aos pets.

De um lado, temos os determinantes biológicos que classificam os animais entre herbívoros, onívoros e carnívoros. Em se tratando de animais humanos, apesar da discussão biológica ter alguma importância diante dos debates entre os que adotam uma dieta livre de carne e os que a consomem, vemos que a biologia é, em termos motivacionais para adoção e permanência em determinada dieta, inferior às motivações éticas ou relacionadas às crenças de saudabilidade.

Atualmente, em uma sociedade complexa e fragmentada, há inúmeras possibilidades dietéticas fundadas nas mais diferentes práticas e vertentes teóricas e o consumo alimentar tem se tornado um campo de batalhas que envolve questões morais, políticas, econômicas e ambientais. Os pets já não caçam, já não procuram por sua própria comida, dividem a cama e a mesa com seus tutores, comem em pratos, recebem bolos de aniversário, partilham marmitinhas de biscoitos e adotam dietas eticamente orientadas. Os modos de alimentar os animais de estimação refletem que para os humanos, os bichos estimados estão inseridos numa esfera diferenciada em que algumas preocupações antes pertinentes apenas para seus semelhantes passam a ser-lhes devidas. São elas a necessidade de demonstrar afeto por meio de ações de consumo bem como a noção de que o ato de alimentar aquele animal envolve não só carinho mas também responsabilidade – daí, a busca por dietas saudáveis, que supostamente melhorariam a qualidade de vida do animal.

A partir desse espectro, vemos que as fronteiras se movem e o animal é aproximado do humano, sendo alimentado com a mesma “qualidade” que se ofereceria a qualquer outro membro amado da família. No entanto, essas mesmas atitudes abrem espaço para se pensar numa forte separação entre animais e humanos, uma vez que a dieta é totalmente imposta aos pets, afinal, eles até podem escolher o que vão comer, mas o leque disponível para a escolha é feito pelo tutor e a ele cabe a decisão última. A alimentação, assim, é um dos espectros em que fica mais clara a dualidade no tratamento dado aos animais de estimação: por um lado são crianças que recebem os maiores mimos, por outro são eternos prisioneiros deste afeto, tornando-se bebês perpétuos, que tem cada passo de suas vidas regulados – começando pelo confinamento nos lares humanos, passando pelo controle dos

ciclos de reprodução por meio da castração e chegando até a antropomorfização, com a adoção de hábitos humanos, como o uso de roupas e a oferta de dietas eticamente orientadas, como é o caso da ração vegetariana.

REFERÊNCIAS

ABINPET. **Mercado Pet Brasil 2018**. Disponível em: <http://abinpet.org.br/download/abinpet_folder_2018_d9.pdf>. Data de acesso: 05/04/2019.

BAPTISTELLA, Eveline. **Animas e fronteiras**: um estudo sobre as relações entre animais humanos e não humanos. Curitiba: Appris, 2019.

BRASIL. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Ministério anuncia a criação de cadeia produtiva pet. Brasília, DF, 2012.

CAMPBELL, C. “Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno”, in L. Barbosa e C. Campbell (orgs.), **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.

CARCIOFI, Aulus; PONTIERI, Roberto; FERREIRA, Cristiana; PRADA, Flávio. Avaliação de dietas com diferentes fontes protéicas para cães adultos. **R. Bras. Zootec.**, v.35, n.3, p.754-760, 2006.

DRISCOLL, Carlos; CLUTTON-BROCK, Juliet; KITCHENER, Andrew; O’BRIEN, Stephen. A longa e incompleta domesticação do gato. **Scientific American**, Segmento, n.86, p.71-74, 2009.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica**: a árvore, o animal e o homem. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

HARE, Brian; WOODS, Vanessa. **Seu cachorro é um gênio**: como os cães são mais inteligentes do que se pensa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

HOBGOOD-OSTER, Laura. **A dog’s history of the world**: canines and the domestication of humans. Waco: Baylor University Press, 2014.

INGOLD, Tim. **The Perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2000

JORGE, Rodrigo da Silva Pinto. **Caracterização do estado sanitário dos carnívoros selvagens da RPPN SESC Pantanal e de animais domésticos da região**. 2008. 105 f. Tese (Doutorado) - Curso de Epidemiologia Experimental e Aplicada às Zoonoses, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-28052008-104047/en.php>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

KOLBERT, Elizabeth. **Sexta Extinção**: uma história não natural. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

KULIK, Don. Animais Gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. **MANA** 15(2): 481-508, 2009

PAIS, José Machado. Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas. Lisboa: Ambar, 2006.

PAIS, José Machado. Sociologia da vida cotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

POLLAN, Michael. O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2007.

ROMANELLI, G. “O significado da alimentação na família: uma visão antropológica”. **Medicina**, Ribeirão Preto, 39 (3): 333-339, jul./set., 2006.

SAHD, L. **A mente do seu cachorro**: tudo que você precisa saber para que seu amigo peludo tenha uma vida saudável e feliz. São Paulo: Abril, 2015.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 17, 19, 59, 91, 110, 114, 123, 137

Agroindustrialização 311

Alimentação 19, 107, 123, 124, 137

C

Consumo 92, 96, 98, 99, 103, 125, 136

Cultura 18, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 110, 135, 182, 183, 184, 186, 333, 392, 393, 394, 424, 436, 437

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 60, 72, 98, 114, 123, 137, 160, 172, 173, 175, 199, 200, 213, 216, 233, 245, 246, 250, 251, 253, 294, 295, 301, 302, 321, 335, 372, 373, 393, 394

Desenvolvimento Regional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 98, 246, 251, 394

Desenvolvimento Socioeconômico 372, 373

Dissidentes 173

E

Economia solidária 20, 147, 148, 151, 154, 158, 170, 171, 194, 221, 233, 371, 458

G

Globalização 31

I

Inclusão Digital 449

Inclusão Social 449

Incubadora 29, 180, 182, 185, 201, 204, 213, 214, 222, 223, 228, 231, 232, 234, 235, 239, 251, 254

Indústria de transformação 299, 300, 302, 304

Indústria extrativa 299, 300, 301, 302, 304

P

Participação 13, 66, 303, 304

Práticas agroecológicas 112

R

Rede 166, 170, 171, 204, 205, 207, 212, 214, 228, 229, 232, 349, 453, 459

Redes 32, 213, 216, 218, 454

S

Segurança alimentar 112, 115, 123, 320

Sociedade Civil 13, 17

T

Tecnologia Social 233, 449, 453, 457, 458, 459

Território 13, 14, 15, 16, 17, 32, 113, 245

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-505-1

